

Portugal é cada vez mais mar. Vai um mergulho?

Existem cerca de 300 locais de mergulho no continente e nas ilhas. Só no Algarve fazem-se 10 mil mergulhos por ano

Mar Marisa Soares

O número de mergulhadores subiu em flecha nas últimas três décadas, com a democratização do ensino da modalidade. Os operadores sentiram a crise, mas dizem que ainda há muito por fazer e viram-se para o mercado europeu, onde há 3,2 milhões de mergulhadores dispostos a viajar pelo menos uma vez por ano. Portugal parece estar cada vez mais na rota do mergulho mundial.

Barcos que tombaram em batalhas épicas, navios da Marinha afundados, bancos submarinos no meio do Atlântico, onde vivem baleias, focas e tubarões. Não faltam pontos de interesse no mar que banha os mais de 2500 quilómetros da costa portuguesa. Em números redondos, no continente e nas ilhas existem cerca de 300 locais de mergulho. E se 97% do país é mar, quantos estarão ainda por descobrir?

Nos últimos anos, as escolas e centros de mergulho nasceram como cogumelos em Portugal. Passaram de apenas meia dúzia, no início da década de 1990, para quase 150 actualmente. O surgimento das agências internacionais de certificação facilitou e democratizou o ensino da modalidade, até então exclusivo para atletas e militares. A procura

subiu em flecha, animada também por um interesse crescente no ambiente e no turismo de natureza, que registou um boom no início do século XXI. Porém, ninguém sabe quantas pessoas se deixaram já encantar pelo "mundo do silêncio" revelado por Jacques Cousteau.

Quando o país começou a dar os primeiros passos no mergulho amador, há 50 anos, criou-se o Caderno Nacional de Mergulho (CNM) do qual constava a certificação do mergulhador. Em 2009, o CNM foi substituído pelo Título Nacional de Mergulho (TNM), emitido pelo Instituto do Desporto de Portugal (IDP). Mas em 2013 o Governo mudou de ideias, suspendeu o TNM e deixou ao critério das escolas a comunicação ao IDP do número de novos mergulhadores. Nem todas o farão.

O IDP aponta para oito mil mergulhadores certificados, mas o número peca por defeito. A Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas certificou 13 mil pessoas desde 1965 com o sistema CMAS (Confederação Mundial das Actividades Subaquáticas), um dos cinco reconhecidos em Portugal – a par da PADI (Professional Association of Diving Instructors, principal agência certificadora a nível mundial), da SSI (Scuba Schools International), da DDI (Disabled Divers International) e da SDI (Scuba

Vestido para mergulhar

Equipamento básico

Máscara

A máscara é essencial porque cria uma bolsa de ar à volta dos olhos, permitindo ver como no ambiente natural

Fato-botas-luvas-gorrio

Para evitar o frio, o mergulhador utiliza um fato de protecção, cuja espessura e material pode variar consoante a temperatura da água. Na figura, o mergulhador usa um fato de neoprene semi-seco, que quase não deixa entrar água, permitindo suportar águas mais frias como as de Portugal continental

BCD

(Buoyancy compensator)

Colete insuflável que permite controlar a flutuabilidade e segurar a garrafa de ar. Ao encher e esvaziar o colete o mergulhador consegue flutuar à superfície ou manter a flutuabilidade neutra no fundo.

Barbatanas

Ajudam a movimentar-se dentro de água, minimizando o esforço da natação



Regulador

Regula o fluxo do ar comprimido na garrafa, permitindo ao mergulhador respirar o ar à pressão ambiente

Consola

Ligada ao regulador pode ter apenas o manómetro que indica quanto ar tem a garrafa, ou incluir o profundímetro, que mostra a profundidade; a bússola, que ajuda na orientação; ou o computador, que além da profundidade indica o tempo de imersão e a temperatura da água, ajudando no planeamento do mergulho.

Garrafa

Armazena o ar a alta pressão, normalmente com capacidade para oito, dez, 12 ou 15 litros. Por norma, o ar dentro do cilindro tem exactamente a mesma composição do que respiramos fora de água (ou seja, 21% de oxigénio e 79% de azoto), mas para alguns tipos de mergulho é possível utilizar outras misturas (como nitrox, com menos azoto)

Quanto gasta um mergulhador?

O que pesa mais na carteira é o investimento inicial. O curso nas escolas de mergulho nacionais ronda os 300 a 400 euros (o nível básico) e o equipamento completo — com fato, regulador, colete, barbatanas, computador e mais alguns acessórios — pode custar à volta de 1000 euros, dependendo dos materiais e das marcas. Normalmente, um praticante amador não compra a garrafa de ar, optando por alugá-la no centro de mergulho de cada vez que vai ao mar. O preço do aluguer é, regra geral, incluído

na viagem de barco (necessária quando o spot escolhido fica afastado da costa) que custa em média 30 euros no continente, 45 euros nas ilhas. Mas com uma certificação emitida por uma das diversas agências internacionais é possível mergulhar em qualquer parte do mundo, e aí os preços são muito variáveis. Segundo dados da Organização Mundial de Turismo, os turistas subaquáticos são sobretudo homens, com 30 a 50 anos e rendimentos anuais acima dos 70 mil euros, que gastam em viagem 100 a 500 euros por dia.

Alguns sinais para comunicar no mundo do silêncio



Fonte: Wikimedia/ThornelOB e Peter Southwood

Infografia: Célia Rodrigues



Acompanhe em
http://publico.pt/os-dias-do-calor

Diving International). Mas há outras agências que, embora não sejam reconhecidas em Portugal, têm alguma expressão. Entre os operadores, há quem fale em 30 mil mergulhadores certificados.

Espaço para crescer

Nos últimos anos, a crise também chegou ao sector e a procura pelos cursos recuou. "Há cinco anos dávamos 100 cursos num ano. Este ano, até Junho demos dez", lamenta Nuno Maria, que em 1992 fundou a Cipreia, escola e centro de mergulho sediada em Sesimbra, na Arrábida, uma das zonas mais procuradas no continente para mergulhar.

O aumento do número de escolas será um dos motivos mas a crise explica o resto, até porque a diminuição do número de novas certificações é global. A PADI, por exemplo, registou uma quebra de 0,9% em 2013 (menos do que em 2009, quando a diminuição foi de 5,7%, segundo os dados disponíveis no site da agência). Por ano, a esta agência atribui quase um milhão de certificações em todo o mundo, mas não revela dados sobre Portugal, onde terá cerca de 70% do mercado.

"É impossível saber quantos mergulhadores temos ao certo, mas o número mais realista anda à volta dos 50 mil", arrisca José Tourais, conhecido como "o pai do mergulho" em Portugal. É dele a primeira escola de mergulho do país, a Nautilus Sub, fundada em 1989.

Tourais considera que o país se tem aproximado do mercado europeu, onde o mergulho está muito mais desenvolvido, mas continua num patamar inferior mesmo tendo todas as condições para progredir. "De zero a 100, a qualidade da nossa oferta está na ordem dos 70, muito acima da média. Temos espaço para crescer durante mais 15 anos", afirma.

E que condições são essas? "Não temos das piores costas do mundo, o potencial existe", responde. Nos Açores e na Madeira, as águas límpidas e a mais de 20 graus fazem as delícias dos mergulhadores, mas a época de mergulhos está praticamente limitada ao Verão, o que dificulta a sustentabilidade do negócio.

No continente, a realidade é outra. Em Sesimbra, por exemplo, cuja costa está abrigada dos ventos de norte, mergulha-se quase o ano inteiro, apesar da fraca visibilidade e de a temperatura média da água rondar os 16 graus.

Já no Grande Porto, onde também



Há quem fale em 30 mil mergulhadores certificados em Portugal

há dezenas de locais de mergulho identificados, a costa está mais sujeita às intempéries e a água é mais fria.

Cavalos-marinhos

Em relação à biodiversidade marinha, não faltam atracções que colocam Portugal no mapa mundial em relação a certas espécies. A ria Formosa, no Algarve, por exemplo, tem a maior comunidade de cavalos-marinhos de focinho comprido (*Hippocampus guttulatus*) do Mediterrâneo. Num mergulho, cuja profundidade média ronda os cinco metros, é possível ver mais de uma centena de exemplares, entre outras espécies de fauna e flora.

O património cultural subaquático é outro ponto a favor, que atrai muitos mergulhadores interessados em naufrágios. O inventário nacional, iniciado em 1984, tem mais de 9000 registos relativos a navios naufragados e artefactos encontrados no fundo do mar. E o afundamento de quatro navios da Marinha ao largo de Portimão, para a criação do parque Ocean Revival que ficou completo há um ano, criou ainda mais pontos de mergulho na costa algarvia.

"Hoje temos muito para oferecer aos turistas estrangeiros, particularmente do Norte da Europa, que já elegem Portugal como um destino de mergulho interessante em termos de preços de viagem e alojamento, e do clima, que é atractivo mesmo no Inverno", considera Tourais. A instabilidade política no Egipto e no Norte de África, tipicamente os principais destinos dos mergulhadores europeus, terá também contribuído para lançar os holofotes sobre Portugal.

"[Mas] ainda não atingimos o estado de maturidade ideal", ressalva,

alertando para a necessidade de o sector se profissionalizar mais.

Segundo a Organização Mundial de Turismo, existem na Europa cerca de 3,2 milhões de mergulhadores activos, que realizam viagens de mergulho pelo menos uma vez por ano. Em 2022, serão perto de 5 milhões. "Só o mercado nórdico representa dois milhões de mergulhadores, que serão três milhões em 2022", diz Luís Sá Couto, da Subnauta, que promoveu o projecto Ocean Revival.

Dez mil por ano no Algarve

Segundo Sá Couto, o Algarve regista dez mil mergulhos por ano e o objectivo é chegar aos 90 mil daqui por dez anos.

"Não é uma loucura, é perfeitamente possível", garante, revelando que este ano já nota um aumento da procura, depois de uma forte aposta na promoção do destino lá fora.

Até ao final de Maio, a Subnauta levou dois mil mergulhadores ao Ocean Revival e para Setembro e Outubro espera casa cheia com turistas do Norte da Europa.

O crescimento deve traduzir-se em euros: em 2012, segundo Sá Couto, o mergulho no Algarve gerou 2,6 milhões de euros e em 2022 pode gerar 70,5 milhões.

Faltam dados sobre o impacto económico da actividade a nível nacional. Embora a náutica de recreio, na qual se inclui o mergulho, seja uma das dez apostas do Plano Estratégico Nacional para o Turismo, nem o Governo, nem o Turismo de Portugal têm dados sobre o peso do turismo subaquático na economia. Nuno Madeira, adjunto do secretário de Estado do Turismo, justifica: "É difícil avaliar esses pequenos segmentos." Será ainda assim tão pequeno?

Açores: receitas podem ultrapassar 7 milhões de euros

Marisa Soares

O arquipélago dos Açores tornou-se nos últimos anos um destino privilegiado de mergulho em Portugal. Anualmente, 3500 a 4000 pessoas visitam as ilhas para mergulhar, segundo os resultados ainda provisórios de um estudo desenvolvido pelo Centro do Instituto do Mar da Universidade dos Açores, no âmbito do projecto Science and Policy Integration for a Sustainable Marine Strategy (SciPol-ISEMarS).

Perante a ausência de informação sobre o impacto económico da actividade, os investigadores inquiriram mergulhadores e operadores marítimo-turísticos na região. Concluíram que cada mergulhador faz, em média, dez mergulhos durante a sua estadia e gasta cerca de 1700 euros, incluindo o alojamento.

Contas feitas, a actividade gerou em 2013 receitas entre cinco e sete milhões de euros. "Pensamos que este número peca por defeito e é certo que tem tendência para crescer, principalmente no Pico e no Faial",

sublinha Adriana Ressurreição, coordenadora do projecto financiado pelo Fundo Regional para a Ciência, através da Fundação Gaspar Frutuoso. Perante a tendência de aumento do número de visitantes, sobretudo do Norte e centro da Europa, o mercado está a responder à procura. Actualmente há 23 centros de mergulho a operar no arquipélago.

"O facto de este não ser ainda um destino de massas é um factor diferenciador", diz a investigadora, destacando que 12% dos inquiridos admitiram regressar ao arquipélago.

Turistas estrangeiros e nacionais são atraídos pelas águas límpidas — com visibilidades que ultrapassam os 30 metros e temperaturas acima dos 20 graus no Verão — e, sobretudo, pela biodiversidade muito rica.

O estudo revelou que 30% dos mergulhadores escolhem este destino para ver espécies específicas, já que a taxa de avistamentos é quase de 100%. As graciosas jamantas ao largo de Santa Maria, ou as baleias que se passeiam junto ao Pico são apenas dois exemplos do que o Atlântico oferece. Mas há muito mais.

O fundo do mar nos Açores está povoado de bancos submarinos, montes que se elevam do fundo do mar sem atingirem a superfície, onde se concentra muita vida marinha. Um deles é o banco Condor, com mais de um quilómetro de altura e 26 quilómetros de extensão, situado a dez milhas do Faial.

Em 2010, este banco foi transformado num observatório para estudos científicos e foi proibida a pesca demersal (de peixes e fundo). Até então, os operadores marítimo-turísticos quase não iam ao Condor, mas a partir do fecho ganhou fôlego o mergulho com tubarões azuis, que em 2011 e 2012 gerou mais de 194 mil euros de receitas.

"Comparando as receitas geradas pelas actividades extractivas, como a pesca, e as actividades não extractivas, como o estudo científico, a pesca desportiva e o mergulho com tubarões, estas últimas são superiores", nota Adriana Ressurreição.

Segundo a investigadora, o Governo está a equacionar manter o encerramento do Condor à pesca demersal para lá do fim de 2014.

Receitas

Actividades marítimas no banco submarino Condor
Receitas médias anuais
Em euros

Pesca demersal (1998-2009)	431.723
Investigação científica (2009-10)	343.757
Mergulho com tubarões (2011-12)	194.111
Pesca desportiva (2009-10)	64.040
Pesca do atum (1998-2009)	15.259
Observação de baleias (2009-10)	5280
Mergulho (2009-10)	3240

Fonte: Projecto SciPol-ISEMarS